



PORTE
PAGO

Quinzenário * 17 de Junho de 1978 * Ano XXXV — N.º 894 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

AQUI, LISBOA!

● Eis-nos ante diversas celebrações, todas atinentes a factos ou aspectos importantes da vida, mas cuja repercussão prática sentimos ficar longe do que seria desejável e, não raro, alvo de manobras partidárias ou de finalidades nem sempre claras.

Comemorou-se mais um Dia Mundial da Criança. Falou-se nos seus direitos, o que está certo. O que não vimos ou vemos é que nos disponhamos nós, adultos e responsáveis pela condução da Sociedade, a assumir os nossos deveres. Houve festas, com distribuição de iguarias, brinquedos e medalhas; realizaram-se concentrações desportivas ou recreativas; a Televisão e a Rádio deram um certo relevo às organizações levadas a cabo nos centros mais importantes. Tudo muito interessante e, até, revestindo, aqui e além, certa beleza. No entanto, o grosso das crianças mais pobres ou menos amparadas, pouco ou nada tiveram em seu benefício; e ao verem por esse País fora, na Televisão, algo do que se passou, mais devem ter sofrido, na carne e na alma, a discriminação a que estão, injusta e permanentemente, sujeitas.

Gostaríamos que o Dia Mundial da Criança fosse acompanhado de medidas concretas e eficazes em ordem à promoção e à realização do bem-estar moral e material das crianças, pelo assumir das responsabilidades dos pais e das famílias e por uma legislação adequada do Es-

tado, que tivesse em conta os direitos dos anteriores, no respeito da sua liberdade e no facultar das condições materiais indispensáveis.

Não queremos ser pessimistas, mas ante a mentalidade que grassa por toda a parte, no plano individual e colectivo, em que o egoísmo impera e o espírito de sacrifício é raro, os frutos deste dia vão ser fracos ou nulos. Os esmoreados, os sem-abrigo, os sem-cuidados e os abandonados, em suma, os desprotegidos da sorte ou miseráveis, não diminuirão, porque tal depende duma conversão interior dos adultos, que não se procura ou deseja até.

E, já agora, para que saibais, a nossa comemoração íntima do Dia Mundial da Criança consistiu em receber aqui em Casa um pequeno de 9 anos, esquelético e andrajoso, repleto de piolhos. No sítio em que vivia ficaram mais seis irmãos. Cortado o cabelo, tomou banho e vestiu roupa lavada, que a que trazia se mandou queimar. Cama confortável e comida quente e saborosa, passaram a ficar à sua disposição. São estas as nossas celebrações, que só Deus sabe, mas que nos fazem estalar foguetes na alma. Referimos o facto para que também possais comungar da nossa alegria.

● Uma carta: «Li, no vosso número de 8 do corrente, um caso, referido em AQUI, LISBOA!, onde, de entre vários casos, vinha o de um pequenito que dormia debaixo de um viaduto, em Lisboa, o que me impressionou bastante. Assim, e para casos como o presente, ou vá lá, de outros (há imensos), junto envio, em correio registado, uma

Cont. na 4.ª pág.

AREIAS do CAVACO

Domingo, 30 de Abril de 1978. Na cidade, bandeiras vermelhas e amarelas, penduradas em cordas, presas nas árvores das ruas, anunciam a festa do Trabalhador.

Neste domingo, ao sair da celebração da Missa das 7,30 h., a dois passos da nossa Casa, uma jovem vem dizer-me que quer ser Religiosa e consagrar a sua vida em holocausto alegre na contemplação e trabalho escondido aos olhos do mundo, seguindo mais de perto os passos do Senhor; compreendido por uns e odiado por outros, mas sempre ao serviço da Igreja, e dos homens do mundo inteiro e, concretamente, da terra de Angola.

Mais além, a cerca de 20 Km, no alto do morro, rodeados por centenas de fiéis, reunidos na Igreja da sua Missão, em cerimónia acompanhada pelos batuques e cânticos de Aleluia, um grupo de jovens fazem a sua Profissão; outro grupo inicia a caminhada de vida consagrada ao anúncio da Mensagem do Evangelho aos homens da sua terra.

Mas, a inquietação provocada pelo sopro do Espírito não pára. Continua a escrever-se o Livro dos Actos dos Apóstolos, nos tempos de hoje e em terra angolana. Jovens e adultos interrogam-se, tocados pelos acontecimentos, e procuram uma razão séria para a sua vida. Deixam suas terras, dispersam-se e levam no coração da Igreja e com Ela a Vida a outras Comunidades. É o Livro dos Actos dos Apóstolos, vivo como há cerca de dois mil anos: «Os que tinham sido dispersos foram de aldeia em aldeia, anunciando a Palavra da Boa Nova.» (Act. 8).

Padre Manuel António

TRIBUNA DE COIMBRA

O «Chola», nosso chefe dos pequenitos, veio ter comigo, trazendo pela mão o Fernando e um relógio que este trazia escondido. O Fernando, com oito anos, veio há dias. A sua vida está marcada por facetas de epopeia, mas epopeia com sabor a tragédia. Ontem ia estrada fora, numa aldeia já distante, a caminho da sua terra. Telefonaram, e foi um dos nossos para o trazer, mas ele só quis vir com uma senhora e de carro.

Hoje, de relógio na mão, ficou aqui a conversar comigo. História, histórias, histórias que ele contou. Parece tudo uma embrulhada! O pai não vive com a mãe. Um irmão que «era maluco» caiu da camioneta e comeu um embrulho de remédios e morreu. Uma irmã roubou

muito dinheiro à mãe e esta ameaçou com a Guarda e ela entregou o dinheiro quase todo. Uma irmã tem um homem e um bebé, mas o homem não procura, nem quer emprego e vêm comer a casa da mãe. O pai partiu uma perna e não pode trabalhar, mas tem uma bicicleta nova. Outras irmãs estão não sabe aonde. Também não sabe em que classe anda, na escola. Ouvi, ouvi, ouvi. Coisas certas que eu já sabia. Outras que ele revelou com desembaraço.

Há homens a construir. Há vidas a salvar. As facetas de epopeia do Fernando têm de inquietar as nossas vidas à procura de rumo para cada um.

É muito possível que o lugar do Fernando não seja na Casa do Gaiato. Ele terá necessidade

de lugar adequado ao seu estado. Mas, há muitos Fernandos. Há muitos Fernandos nas Casas do Gaiato. E nós sangramos. E temos de continuar a sangrar enquanto cada um não tenha o seu lugar.

O telefone tocou de novo. Fui atender. Era alguém a pedir para um pequenito de nove anos. O pai é um alcoólico e não dá um tostão à família. A mãe, sózinha, não é capaz de ganhar para tudo e para todos.

Disse da amargura que trago pelas vidas que nos têm apresentado e a que não podemos acudir. A pessoa ao telefone atendeu e não insistiu. Vai fazer o que puder.

Padre Horácio



PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

INSTRUMENTOS MÚSICAIS — Recebemos 1000\$00 de Coimbra. De Moscaide uma carta simpática: «Li no vosso jornal que precisavam de alguns instrumentos. Tenho, cá em casa, uma viola que o meu filho já não usa. Pode não ser muito boa, mas sinceramente eu não percebo nada de instrumentos. Agradeço as vossas orações.»

Envidentemente, mesmo que não seja boa aceitamos a viola pois há sempre gente que quer aprender e não podem começar logo com uma nova!

O Emílio recebeu as castanholas! Foi ele o iniciador desta modalidade musical. Desta feita quase toda a malta miúda tem andado com tabuinhas a tentar apanhar alguns toques do Emílio. Até já fora dos nossos muros os miúdos tocam castanholas!

O Sabino ultimamente tem andado um pouco escondido no que toca ao piano. Já não conseguimos vê-lo tão frequentemente na sala da casa 3 agarrado às teclas! Que se passa com ele?

Continuam os ensaios para o Festival da Canção a realizar no dia 10 de Junho no nosso salão.

Nós continuamos à espera de mais donativos ou de instrumentos, pois vontade não nos falta!

deiam, mas estes nem sempre te amam. Vós, crianças, sois algo de muito válido, sois os futuros homens — os homens de amanhã.

VISITAS ESCOLARES — Com o fim do ano lectivo à espreita os professores organizam passeios pelos mais variados pontos do País.

Nós temos sido muito visitados e, regra geral, os nossos jardins, os nossos cantos de sombra que convidam para o almoço, são ocupados por centenas de crianças que nos visitam assiduamente.

Só não concordamos com o lixo que depois aqui fica pelas ruas, nos locais onde é comido o merendeiro, etc.

Pedimos a todos os professores, que porventura nos venham ainda visitar, o favor de avisarem os alunos para terem cuidado com os papéis, sacos de batata frita, etc.

Agradecemos a vossa boa colaboração! E venham sempre, que as portas estão abertas.

«Marcelino»

Miranda do Corvo

OFICINAS — As Festas estão a acabar e vamos reconhecer os trabalhos das oficinas que, nesta peque-

na ausência, estiveram um pouquinho parados. Os nossos fregueses já dizem que não podem esperar mais, mas com aquela cara a sorrir.

Agora o que é preciso é deitar mãos à obra. Uns vão arranjar madeira, outros vão para as máquinas. Tudo trabalha minha gente, com a ajuda de Deus.

LAVOURA — As fainas das nossas sementeiras, com a ajuda do trator novo, não há terras que obguem para amanhoar.

O tratorista é o Abílio. É só carregar no prego: ora para baixo, ora para cima; vira para aqui, vira para acolá.

O «Sprint» anda com a máquina de carro a motor a tratar as videiras, batateiras e as árvores.

O trabalho é a alegria dos nossos rapazes. Ouvem-se enxadas a bater na terra. Ouvem-se vozes a cantar. Nós semeamos batatas, milho, abóbora, favas e feijão. Plantamos couves, tomateiros, alfaces, pimentos, cebolo. Enfim, tudo é necessário ao fim do nosso dia a dia. Pedimos a bênção do Senhor para que nos ilumine a começar outro dia com mais vontade e amor.

Luís

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PARTILHA — O casal assinante 17022 marca presença com 150\$00. «Uma portuense qualquer» não esquece os Pobres no Dia da Mãe. Ougamos:

«No fim deste Dia da Mãe escrevo para enviar a migalhinha (150\$00) relativa ao mês de Maio com destino à vossa Conferência Vicentina, à qual junto outro tanto por alma de minha Mãe e, assim, completar a minha pequenina homenagem neste dia àquela a quem tanto devo. Depois da oração, e umas flores simples na sua sepultura, vai este óbulo para que, por vosso intermédio e a juntar a muitos outros que aí chegam, dê um pouco de alívio a Famílias que vivem amarguradas por falta de bens materiais indispensáveis à vida.»

No Espelho da Moda — o nosso depósito no Porto: cem escudos de um anónimo, o mesmo por alma de Albertina e cinco vezes mais pela mão do assinante 13519.

O assinante 32960 manda «uma parcela do meu trabalho para o que

for mais necessário», cabendo aos Pobres 400\$00. Agora, vem lá o assinante 9790 com 500\$00 e uma intenção, acrescentando: «uma oração surge neste Dia Santo para que veja eu e todos nós vejamos no Corpo Santíssimo do Senhor o Sinal incommensurável do valor do Bem e da virtude consubstanciados nesse Corpo...»

Mais 200\$00 de Alquer, também motivados pela Festa do Corpo de Deus: «Para os vossos Pobres, de alguém que, por ser pobre, manda tão pouco».

Outra vez 100\$00, do Porto, enviados pela assinante 19737, que roga uma prece por sua Mãe e Marido. Dez vezes mais entregues em nosso Lar do Porto, por mãos anónimas. De saldo de contas com O GAIATO, 160\$00 de um assinante de Carvalhosas (Coimbra). Avisamos a Rosa, de S. Mamede de Infesta, nossa conhecida, que chegou tudo em ordem. E faz muito jeito! Os amigos de D. António Barroso aí estão com os 20\$00 do costume. Temos, por fim, 250\$00 da rua Carlos Calisto — Lisboa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Calvário

TEMPO QUENTE — Começaram os banhos na nossa piscina. Os mais pequenitos falam já nos bons momentos que com certeza vão passar na praia. Falam também nos baldes, nas pás de plástico, etc.

É evidente que não temos nada disto para lhes dar. Mas eles andam tão entusiasmados!

Dois deles vieram ter comigo pedindo que eu pusesse no jornal uma nota falando neles e nos brinquedos de plástico próprios para a época balnear.

Aqui fica, pois, a nota. Temos esperança que os leitores tudo farão para ajudar os nossos mais pequeninos — os «Batatinhas».

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA — Criança, tu és um ser que vives no meio de outros seres e tens o direito às mesmas regalias dos adultos. Tens o direito de te poderes realizar com os adultos que te rodeiam.

Criança, é preciso que cresças em harmonia com o mundo e o tempo.

Não deixes que disponham de ti. Antes, dispõe tu dos outros ou dispõe-te a ti própria, pois só tu podes realizar o teu futuro, mas com a compreensão e ajuda de todos nós.

Quando estudas, brincas, passeias, etc., pensas que tudo é teu, mas afinal não se pode dizer que seja. Quando tu realmente vais para um jardim ou parque infantil, os teus pais pagam para que te possas divertir...

Tens que ser livre. Tens que saber viver a liberdade amando os que te rodeiam. Tens que conquistar o teu futuro. Tens que amar os que te ro-

São valores materiais estes que aqui se mencionam. Não vinha, pois, com eles para estas colunas, se não os visse carregados de muita renúncia, de muito sacrifício, e também de muito amor. E é a existência destes valores, em tantos amigos que nos conhecem, que não nos deixa afligir materialmente com o sustento dos nossos doentes.

Maria com 100\$. Oswald todos os meses com 50\$. Humilde portuense não se cansa, igualmente, numa caminhada que já dura vinte anos. M. M. do Porto com 100\$ e com 500\$. M. Arminda com 2.000\$ e muito amor pelos doentes. No Espelho da Moda, muitas cartas e muitos embrulhos que em tempo nos foram entregues. Criada Maria com 100\$. Muitos assinantes também vão aparecendo com suas presenças. Margarida com 3.000\$. Emília com 20\$. Esposa amiga com 500\$. M. Guimarães com 520\$. Anónima da rua das Papoilas, está aqui todos os meses. M. Helena com 200\$ e 2.000\$. Doente para os doentes com 200\$. Em sufrágio da mãe, uma presença habitual do Porto. Uma Amélia com 500\$ e outra com 200\$. Alguém com a primeira reforma. É uma empre-

gada doméstica. Carlos com 100\$. Funcionária com 312\$50. Sampaio com 200\$. Lúcia com 250\$. Teresa com 500\$. M. Esperança com 300\$. M. Abreu com 1.000\$. Américo, do Porto, com 10.000\$. António, da Maia, com 10.000\$ também. Irmãos com 5.000\$. Corina 30.000\$. Julieta com 300\$. Portuense qualquer, todos os meses com 200\$. Que fidelidade! M. José, do Porto, com 200\$. M. Rosa com 1.370\$. Assinante da casa dos cem com o seu óbulo. No Montepio de Lisboa, 780\$ de vários amigos. Mafalda com 5.000\$. Cristina com 200\$. Um cristão de Lisboa com 100\$. Na Lar do Porto, 500\$. Médica da mesma cidade, 6.100\$. Uns aprendem a receber, outros a dar! Pai de sete rapazes a pensar no calvário desta vida de hoje, com 500\$. Francelina com igual soma. Amigo, com 88 anos, quer marcar sua presença. Quem diz mal dos idosos? Elisa com 500\$. M. Lima com 1.000\$. Dois irmãos unidos com 500\$. Engenheiro ao fazer 80 anos vem com vinte e cinco mil escudos. Por alma de Regina 500\$. Emília torna com 500\$. Princeplina com 50\$. M. Clementina, com dez vezes mais. Raúl com 100\$. Alda com outro tanto. Celeste com 500\$.

«Zé Ninguém» com a mesma quantia. Agostinho com 100\$. M. José com 100\$. Antonieta com 100\$ e todos os meses. Com igual nota, L. S. Casal amigo com vinte mil. Arminda com 100\$. Alice com 420\$. No Montepio de Lisboa 2.100\$. Vicentina com 1.000\$. Júlia, de Faro, com dez vezes mais. Casal amigo, do Porto, com 2.000\$. Colégio de Vila Real com um presente. M. Cecília com 5.000\$. Escola Primária com 300\$. Edla e irmã, 1.500\$ e 3.000\$. Na preparação da primeira Comunhão, Paróquia do Porto pensou na renúncia e entregou-nos 8.000\$. Paróquia de Lisboa vem com 3.000\$. Amigo com 2.100\$. Rapazes de 17 anos com 500\$. A juventude também sabe dar. Lisete com 2.000\$. Natália com 200\$. Arlindo com 500\$. Luísa com 100\$. Mãe pede oração por seus filhos. Simões com 1.000\$. Alice com 200\$.

Rosa com a primeira reforma, como criada de servir. Alguém de Coimbra com 700\$. Criada Maria, de novo com 60\$. Óbulo de viúva Caridade com 350\$. De P. N. E. 500\$. Outro tanto de uma Maria. Guilhermina com 100\$. Amélia com o dobro. Alice com metade. Fruto de horas de trabalho. Ma-

nuela com 200\$. Branca e familiares com 500\$. Por alma da mãe e marido, 100\$. Assinantes vêm muitas vezes com acréscimos para o Calvário. Por mandado de Rosalina 12.000\$. Na Igreja da Trindade 1.000\$. Muitas partilhas de donativos com a Casa de Paço de Sousa. Por uma pequena graça 1.000\$. Alcina com dez vezes mais. M. Passos com 150\$. Amiga da Palhaça com 250\$. Alfredo com 50\$. Beatriz com 500\$. Etelvina com 1.000\$. Adelina com 250\$. Carlos com 100\$. Com amizade pelos netos, 250\$. Ilda com 70\$. Aida com 100\$. Alguém pede oração. Em sufrágio de M. Elisa, 20.000\$. Outra vez no Montepio de Lisboa, 2.370\$ de presenças amigas. Julieta com 200\$ e Manuela com 500\$. Dos trabalhadores do C. P. Português, 8.312\$50. Fernanda com 200\$. Primeira reforma de Ana. Uma mãe pede orações. Ele há tantas mães aflitas hoje em dia! Comungar a aflicção com os outros já é receber força. Enfermeira com 3.000\$. Uma libra, da Foz. Arlete com 5.000\$. Sacerdote com 1.000\$. M. Luísa com outro tanto. M. Helena com 100\$. De Aveiro muita mercearia e ainda 3.200\$.

Em acção de graças pelo êxito do filho nos exames, 10.000\$. É alguém do Porto. O Porto. Sempre o Porto! Oporto L. Guild 5.000\$. Trata-se de presença já habitual. Ven-



Lar Operário em Lamego

Estou a escrever na semana que antecede o Dia da Mãe. Sinto vontade de comunicar com os leitores o turbilhão de pensamentos que se aglutinam, que me fazem estremecer a alma e põem em vibração todo o meu ser com as lembranças deste dia. Já sei que a publicação desta crónica vai sair muito depois e talvez em ocasião em que outras ideias terão mais força. É sempre assim: o que hoje nos impressiona, ou domina o nosso espírito, amanhã é substituído por alguma coisa mais violenta ou com facetas novas.

Estou convencido, porém, que mesmo assim não perde a oportunidade. Nem todos pousarão aqui os olhos, e muitos verão as coisas por outro ângulo. Quem é capaz de interpretar com verdade e justiça o sentir interior do seu Próximo? Diz bem o nosso povo quando afirma que se vêem caras, mas não vêem corações.

Não quero falar do amor e da ternura das Mães. Não que-

ro dizer que se hoje me dirijo a ti, e posso escrever, cantar, sorrir, viver a minha vida, é porque tive uma Mãe que me apertou ao coração e com amor me deu a vida. Não ousa afirmar que as Mães são uma linda realidade diante da qual o homem dobra os joelhos, contemplando-a com infinita doçura. Não vale a pena, mesmo sem fazer poesia, dizer que a sua face é eterna primavera sempre aberta ao sorriso, que não conhece velhice, nem rugas. Para quê afirmar que o seu olhar penetra os corações, e suavizando as mais violentas tempestades, a todos leva a paz?... Para quê, na maior simplicidade, chamar-lhe botão de rosa, que suave e lentamente desabrocha, para encher de perfume a casa onde vive?... E para quê, a sonhar, ou acordado, estando ela viva ou morta, chamar-lhe sol brilhante ou estrela luminosa que no caminho da vida dirige e corrige os passos do homem?... É melhor fechar os olhos e ficar em silêncio.

Hoje, antes quero chamar «Mãe» a todos os que nos fazem bem. Aprendi isto com a Lena. Há muitos leitores que sabem quem é a Lena e às vezes até me escrevem a perguntar por ela. Agora tem 19 anos, mas veio para nós aos dois anos de idade. Vinha muito doente e parecia que acabara de nascer. Durante o período da doença e depois, na convalescença, passaram vários anos e passaram também pela casa

três senhoras que tinham a responsabilidade de cuidar dela. A Lena a todas chamava Mãe, porque de todas recebia carinhos e ia fixando os nomes, dizendo «Mãe Rosa», «Mãe Perpétua» e «Mãe Dete».

Da mesma forma nesta semana o meu pensamento tem sido violentado com a lembrança dos que, ao longo do ano, vão colaborando connosco e sinto vontade de a todos chamar «Mãe».

Aparece Vilar Fomoso e Aguada de Baixo e com o apelido Barros e outras Helenas e Barcelos e muitos a dizerem que não diga nada. Há dias escrevi uma carta e informava que era para mim um martírio não poder agradecer. O tempo foge, as ocupações são muitas e diversas, e é preciso quase diariamente pedir ao relógio que desperte antes das 5, mas sinto necessidade de dizer muito obrigado aos que vivem connosco os problemas dos irmãos e marcam presença. Preciso afirmar-lhes que sem eles não posso atender o Lar de S. Domingos, nem as 100 famílias que visito a dez quilómetros daqui.

O Dia da Mãe levou-me a escrever várias cartas e saudar tantos e tantas que nos ajudam às despesas do dia a dia. Talvez nada dissesse a Gerald Cardoso, Marques Pacheco, M. Pinto, Marilda, Fernanda de Leiria, J. dos Anjos, Luz Salgado, Júlias e outros e outras que têm feito as vezes de «Mãe». Na Póvoa e em Cas-

telo Branco, em Vila Nova de Gaia e em Braga, em Pevidém e no Porto vivem Famílias a pensar na Família do Lar Operário em Lamego. E assim se vai multiplicando o carinho das Mães e chegam até nós selos usados, e prendas para a Tómbola, e lápis e esferográficas da Rua Capelo e toalhas e roupas e calçado. Não podemos dizer que estamos sós, porque vem uma carta e uma palavra reconfortante que não deixa o nosso sorrir ser triste, nem o nosso olhar cansado, nem despedaçar os nossos nervos. Como Mãe aten-

ta vem ainda Alcobaga e alguém a lembrar com saudade D. Candida da Foz e Ferreira da Costa e Maria da Beira e mais todos aqueles a quem já acusámos os donativos recebidos. E se no final juntarmos nomes e terras e pessoas e se ficarmos com uma única palavra, Mãe, a vida é melhor compreendida, poderá fazer-se dela um poema de amor, um canto de acção de graças, um hino de júbilo e com os nossos dons ficarmos todos ao serviço dos irmãos.

Padre Duarte

RETALHO DE VIDA

O Paulo Santos



Vou contar alguma coisa da minha vida. Sou natural do Huambo, onde nasci a 17 de Novembro de 1963.

Estive no Huambo até aos seis anos com os meus pais. Depois o meu pai faleceu e a minha mãe, como não podia ter-me com ela, resolveu vir para Benguela, onde estive cerca de um ano junto de si.

A minha mãe trouxe-me para a Casa do Gaiato, sendo recebido pelo sr. Padre Manuel, onde estou há 8 anos.

A minha ocupação, cá em Casa, é apascentar as lindas ovelhas.

Acabei este ano a Instrução Primária e estou agora na 5.ª classe do Ciclo Preparatório.

Por agora nada mais tenho a dizer.

Vou terminar esta minha pequena história, enviando um grande abraço a todos vós queridos leitores e rapazes da Obra da Rua.

Paulo José dos Santos

tura vem com igual soma. Com 3.000\$. M. Eugénia. Maria com 500\$. Noémia com 200\$. De Coimbra várias presenças. Duas irmãs com 200\$. Albertina com 10.000\$. «Para os doentinhos» — 3.000\$. Na Casa do Tojal foram ali entregues 11.500\$. Três anónimas com 600\$. Um aumento de pequena pensão. Laura e Vita com 100\$. Mãe com 300\$. «Zé Ninguém» torna. Laura com 700\$. «Por alma de uma velhinha muito querida», 600\$. Irmã de Famalicão com 3.000\$. «Por graça recebida», 500\$. «Pequena ajuda feita com sacrifício», da Covilhã. Professora reformada com 500\$. Isaura com 100\$. Lembrança do subsídio de férias. «Por alma de minha mãe», 2.000\$. M. Rosa com 250\$.

De Castelo Branco, 100\$. De Fermentões dez vezes mais. De Setúbal, 250\$. De Leiria, 290\$. Da Régua, 50\$. Do Porto, 500\$. De Ovar, 200\$ e 5.000\$. Outra vez o Porto com 500\$, com 600\$, com 200\$, com 100\$, com 5.000\$. Do Estoril, 500\$. De Ponte de Lima, 1.000\$. Da Guarda, 50\$. De Faro, 10.000\$. De Vermeim, 1.000\$. Da Covilhã, 1.500\$. Setúbal torna com 2.000\$. Gavião 100\$ várias vezes. De Linda-a-Velha, 500\$. Da Figueira, 500\$. De Veiga, 300\$. Da Foz, 500\$. De Ilhavo, 3.500\$. De Braga, 1.000\$. De Monção, 500\$. Ao lado, de Melgaço, 1.000\$. De Grijó, 2.830\$. De Gondomar, 5.000\$. De mais longe, de Inglaterra, 4.000\$. De Oliveira de Azeitões, 100\$.

E que nos perdoem tantos que não referimos, mas nem sempre é fácil identificar quem por aqui passa. Muito em breve voltaremos.

Padre Baptista

Auto - construção

É um par de noivos com as mãos calejadas.

Ele pertence a uma família de dez irmãos, trabalhadores da construção civil. Ela é filha de um ex-mineiro, agora pensionista do Seguro Social, que emigrou, há muito tempo, para os subúrbios do Porto em busca de melhores condições de vida.

A moça é extrovertida. O moço, não.

Contaram o seu problema: desejam casar, mas «não encontramos casa pr'as nossas posses...» Então, decidem-se pela construção de uma moradia a longo prazo, nos arredores do Porto.

— Ainda só temos uma parte dos alicerces. Eu é que fui comprar o cimento — diz-nos a moça. S'a gente não se mexe — acrescenta num desabafo — com'é que poderemos ter casa?

Continuámos a ouvir. Quem ficaria insensível ao drama deste par?

— Como estão fazendo...?

— Demos muitas voltas. Não encontramos terreno! Há lá uns bons bocados, lá isso há, mas não vendem! Vamos levantar a casa no pequenino quintal do irmão dele...

— A quem pertence a propriedade?

— À senhoria, uma senhora já idosa...

— Mas isso não está bem!... — advertimos.

Entreolham-se. E o moço desabafa: — Não tinha dado fé da asneira!

Não é conto de crianças. Sim, a realidade deste mundo que nós somos; deste mundo que não oferece às famílias nascentes — por isso, quantas se amontoam na promiscuidade?! — aquilo a que todos os homens têm direito: uma casa condigna. E, daí, acontecem brandeas em nosso País. Só que, diagnosticado e analisado o problema, ainda hoje não se aproveita — por carências de estruturas — muita força de trabalho que poderia ser en-

caminhada e ajudada para a legalidade.

A nível oficial, salvo raras excepções, e pelo que nos é dado ver, poucos estão suficientemente motivados para estimular e ajudar — sem paternalismo — a Auto-construção, aqui e ali olhada de soslaio, bloqueada! Talvez pela rotina em que se processa a chamada habitação social, que fica pelos olhos da cara à Nação?

Verdade seja, pelas suas limitações, o Auto-construtor não precisa só do financiamento, mas de facilidades (que não ilegalidades) conducentes à efectivação da sua obra: terreno, projecto, assistência técnica, isenções de taxas e emolumentos...

No caso vertente, seriam vinte braços a levantar moradias, nos tempos livres, dentro da legalidade. Seria uma equipa de irmãos, que, de braço-dado, sensibilizados praticamente, formariam uma equipa permanente que, a longo prazo, re-

solveria o problema da habitação de cada um.

Ontem, no regresso do Dia Vicentino, em uma outra zona dos subúrbios do Porto, constatámos isso mesmo.

— T'ás a ver...?

— ...

Eram grupos de trolhas e pedreiros e carpinteiros erguendo suas moradias em terrenos loteados. Um belo grupo delas. E de homens felizes, mas que têm sofrido «as passas do Algarve»!

— É tudo uma família: pais, filhos, genros, noras, netos — tudo trabalha minha gente!

Uns, agarrados ao ferro. Outros, aos tijolos. Ainda outros à massa. Alegria nos olhos. Redobrada força nos braços!

Não fosse o pouco tempo que dispúnhamos, ficaríamos ali para avaliarmos o sacrifício destes homens e destas mulheres, aliviando-nos um pouco o sofrimento amargo daquele par de noivos.

Júlio Mendes

Notas do Tempo

● O Coração Imaculado de Maria!

É hoje que a Igreja A venera evocando a grandeza do Seu coração, um dia depois da solenidade do Amor de que é Centro e Fonte o Coração de Jesus. Quem pode separar o que Deus uniu para a Salvação do Homem?! Mãe e Filho juntam-Se sempre na devoção da Igreja. Nenhum outro coração reflecte mais e melhor a luz inefável do Amor que Deus faz incidir sobre o Homem — princípio de todo o amor autêntico possível no coração humano! Nenhum outro é fogo mais vivo, aceso do Fogo que Jesus veio trazer à Terra e que quer acender em todos os corações. Depois do Mestre é Ela a Mestra do Amor. «Aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração». Ela, que foi preparada para o Filho desde o primeiro instante do Seu ser, foi também contagiada por Ele de mansidão e humildade — a condição das grandes coisas que pode operar em nós «Aquele que é poderoso e cujo nome é Santo».

S. Lucas, no capítulo segundo do seu Evangelho, depois de relatar o encontro de Jesus no Templo em diálogo com os doutores, diz de Maria (v. 51): «Sua Mãe guardava todas estas coisas no Seu coração». A Liturgia toma esta palavra e faz dela a tónica da meditação que propõe.

«Recapitulando consigo — escreve S. Lourenço Justiniano — todas as coisas que, lendo, ouvindo e vendo, conhecera, ó quanto Nossa Senhora crescia na Fé e em méritos, quão iluminada era pela Sabedoria e mais e mais Se abrasava na Caridade!

(...) Tu ó alma fiel, imita-A.»

Tanta coisa o nosso coração guarda! Dons de Deus e contradições que Ele permite «para nos conservarmos na humildade».

«Absolutamente feliz a alma da Virgem que, pelo Espírito que A habitava e pelo Seu magistério, obedecia sempre e em tudo à voz do Verbo de Deus.»

Como gosto desta palavra!

● Ele foi sempre um rapaz modesto e poupado. Seu hobby: pintar. Seu supérfluo: tintas, telas e pincéis. Juntou assim um pequenino pecúlio, suficiente para a entrada na compra de um andar. O resto seria coberto por empréstimo da Caixa.

Entusiasmei-o. Tratou de muitos, muitos papéis. Fizemos contas. A renda-amortização seria coberta pelo ordenado da noiva. O dele seria para viverem. Dentro da modéstia que é o hábito e até o timbre de ambos, tudo certo.

Esperou meses. Veio o empréstimo, a conclusão do apartamento e o termo da escritura. Está, desde há pouco, de posse da chave.

Mas sobreveio a desvalorização da moeda, o aumento da taxa de juro. Pensámos que, dentro de uma política social de fomento da habitação, a pô-la ao alcance de proletários, se os senhorios não podem subir as rendas, também os bancos, agora ditos do Povo, não poderiam alterar o juro assente no contrato do empréstimo. Pois enganamo-nos. A renda-amortização já não é a mesma. Se vem aí outra desvalorização (quem está seguro de que não venha?), aumentará ainda mais. O salário da noiva, ainda por cima estremecido pela debilidade da empresa em que trabalha, já não chega para a renda. Tem de sair do dele o suplemento.

— Como posso casar? Se as coisas pioram que nos fica para comer? Comemos a casa?...

Enquanto outros Rapazes nossos, com emprego, com idade, com o legítimo desejo de casar, vão dia-a-dia crescendo no desespero da casa que não encontram, este, tendo-a já, vê-se em semelhante situação de forçado adiamento pela instabilidade do tempo presente.

Que Pátria ingrata se está tornando a destes nossos filhos que, sobre o Lhe não terem devido até agora quase nada, eles que A serviram já quanto lhes foi pedido, se acham de asas cortadas para um voo tão justo, tão salutar como é o da constituição de mais uma Família com alicerces firmes.

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

jóia que serviu para o meu casamento, jóia que venderão, sendo o seu produto para o que entenderem, em benefício dos muito pobres.»

Comentários não os queremos, para que não se ofusque o vivo cintilar das palavras e do acto. Já fomos buscar o pequeno. No mesmo viaduto, porém, ainda há mais cinco ou seis crianças, também com parasitas, à espera de quem as «celebre» e tire da miséria. Vamos procurar trazer outra, naturalmente do sexo masculino, já que as meninas não têm lugar nas nossas Casas.

● O Zé Fernando é uma criança amorosa, de olhos vivos e empertigados. Tem sete anos. De uma loquacidade pouco corrente, de tudo fala, tudo pergunta e tudo comenta. Veio há pouco tempo e de todos se tornou coqueluche. É um amor! Se fôssemos pais pelo sangue seria assim que diríamos, como vós dizeis, com certeza, em relação aos vossos filhos. Deixai-nos falar assim.

Pois bem, o nosso Zé Fernando acaba de acrescentar à

N. R. — Entretanto, a Imprensa diária informa que a Caixa Geral de Depósitos vai enviar, ou já enviou, à apreciação do Banco de Portugal um estudo sobre o pagamento dos empréstimos. No início, as prestações serão reduzidas em relação ao normal, mediante capitalização de parte dos juros, que virá a acrescer às prestações relativas às três quartas partes finais do prazo de pagamento, de forma que os aumentos das prestações não ultrapassem, em média, dez por cento.

Vamos a ver!

● Diferendo no aluguer de uma casa que há muitos anos nos foi imposta para que não perdéssemos o posto dos Correios na terra, levou-nos ao Tribunal de Recursos de Avaliações. O processo entrou em Julho de 76. Como até à data nem resposta nem mandado, fomos. Encontrámos um andar na Rua de Ceuta com aspecto de ter passado por lá um vendaval; um funcionário jovem lendo o jornal e outro idoso que me disse estar aposentado há dois anos e ainda ali por favor.

Dito ao que ia, não se achava o processo. Que devia saber dele uma funcionária que não estava porque de licença de parto — me informou o senhor aposentado.

Felizmente ela apareceu com seu bebé nos braços e deu com

longa lista de tratamentos de que temos sido alvo, ao longo dos anos, o de «chefe da Missa». Sentimo-nos perplexos e não atinamos com comentário adequado, a não ser um sorriso. Tendo em vista a nossa qualidade de sacerdotes, a quem Pai Américo deixou escrito que tivéssemos como «centro» da nossa vida o Altar, as palavras do nosso pequeno não podem deixar de ser motivo de reflexão. É que, quanto mais «chefe da Missa», mais estaremos no nosso lugar.

● A Festa do Monumental pode considerar-se uma bela jornada de confraternização entre os Amigos de dentro e de fora. Casa esgotada e aplausos quentes e participantes. Cartas, telefonemas e palavras de viva voz são o corolário do que se passou. Nas capas, cerca de 75 contos. Os Rapazes ficaram contentes e nós também. Até para o ano. No dia 16 vamos a Loures.

(Casa do Gaiato de Lisboa — S. Antão do Tojal — Loures)

Padre Luiz

os papéis. Constava deles um único despacho, pedindo mais um documento — recado que nunca nos chegou.

— Sim senhor, vou mandá-lo quanto antes — acrescentei.

— Mas olhe que não há juiz! — me retorquiu o senhor idoso.

— Mas afinal este tribunal existe ou não existe? Se existe, para que serve assim? A quem posso dirigir-me para fazer sair do ponto morto este assunto que tem de ter solução?

— Não sei, não sei... Está para sair uma lei daqui a dois meses... Tem de sair uma lei até Agosto... Olhe que eu estou aqui por favor! Já estou aposentado há dois anos...! — repetiu o senhor bastante agastado.

E com esta fui despachado; tão esclarecido como entrara e mais desorientado do que antes.

Eu admito perfeitamente que os meus leitores não aceitem o que aqui descrevo. Por mim, não acreditaria sem ver! Mas para ver — atenção! — é preciso ir das 2 às 3 e meia da tarde, período de funcionamento(?) daquele serviço(?).

● Sabendo há muito, como toda a gente, das dificuldades no escoamento da bata-

ta e tendo muito quem a coma, em 7/3/78 pedimos à Junta da Fruta que nos desse alguma e se não guardasse para quando ela estivesse podre. Responderam-nos muito cortezmente que não podia ser.

Dia 31 de Maio, à tardinha, telefonaram-nos que podíamos ir carregar uma camioneta ou mais, num depósito em Leça da Palmeira, mas tinha de ser no dia seguinte porque depois seria distribuição da restante para alimento de gado.

Como não temos camioneta, nem tempo havia já para a arranjar, tampouco sabíamos se valeria a pena o frete, mandámos a nossa carrinha que conseguiu fazer duas cargas.

Quanta não é já para deitar fora? Quanta não terá o mesmo destino, durante o tempo em que a vamos gastando, mesmo a comer batata a todas as refeições?

Quem lucra com a demora em resolver um problema cujo desfecho se sabia de antemão qual ia ser? Haverá muita diferença dos critérios anti-sociais de que se acusam (e justamente!) outros, que destroem produtos necessários ao Homem, a 80% dos homens que povoam o mundo e passam fome, só para manter o preço do seu lucro?

Padre Carlos

SETÚBAL

● É o arroz. Ele tem sido objecto de muitas canseiras e desânimos cá em Casa. Os nossos vizinhos deixaram de o cultivar. Há terras em brávio. Nós também já temos desanimado e p'ra nossa vida não seria razoável. Mas a necessidade obriga-nos e com a prata da Casa andamos a deitar a semente. É uma sementeira muito trabalhosa para as nossas posses. Os rapazes mais velhos estão ocupados nas oficinas e nos estudos. Ainda ontem eram 10 horas da noite e o trator andava nos lamaçais. Depois de semeado, as canseiras vão até à colheita. Ele é conservá-lo em água, ele é as mondas, espantar os pardais para que o não comam, a ceifa, a debulha, a limpeza e a secagem. Tudo isto tem que ser feito a preceito, e é com os nossos, mais o ti Manuel Leitão, que o serviço se faz. O nosso trabalho é a grande escola para a vida. Dele sai parte do pão que comemos. Uns cultivam-no, outros cozem-no e todos o comemos.

● Por falar em arroz, esta é a época dos pardais. Eu sei-o por via de os ver nas

● Com a saída do Posto da Telescola, ficou vaga uma sala. Precísávamos duma salinha para os mais pequenos verem a Televisão e se recrearem com jogos e leituras. Fizemos janelas novas e pusemos mesas e cadeiras que alguém nos deu. «Villa Real» é o responsável pela ordem e asseio da dita. Ele quer conforto. Ele gosta de ver as coisas bonitas e tem andado de roda de nós, quer por tintas, quer por galerias, quer por cortinados. É com este gosto que nós vamos gostando mais deles e das coisas de que necessitamos. As nossas obras vão precisar de tintas, vernizes, cortinados e não sei que mais. Era nosso desejo que os mais pequeninos fossem habitar a sua zona com camas novas. Vai pensando nisso e diz-nos qualquer coisa

Ernesto Pinto



Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa